



ANANSI

Revista de Filosofia, Salvador.
Universidade do Estado da Bahia
ISSN: 2675-8385

Neoliberalismo e exploração voluntária de si

Neoliberalism and voluntary exploitation of the self

José Clerison Santos Alves¹

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar, em linhas gerais, a doutrina neoliberal e as principais características da subjetividade que é construída a partir dela. No Estado neoliberal temos a figura do “homem empresa” ou “sujeito empresarial” que, através das coações internas, produzidas pela ação do neoliberalismo, vive numa intensa dinâmica de autoexploração pela busca de desempenho e otimização. O “homem empresa” é um servo que, na ausência da figura de um senhor, de modo voluntário, impõe uma dinâmica de exploração a si mesmo.

Palavras-Chave: Neoliberalismo. Subjetividade. Autoexploração.

Abstract

The purpose of this article is to present, in general lines, the neoliberal doctrine and the main characteristics of the subjectivity that is built from it. In the neoliberal State we have the figure of the “enterprise man” or “business subject” who, through internal constraints, produced by the action of neoliberalism, lives in an intense dynamic of self-exploration in the search for performance and optimization. The “company man” is a servant who, in the absence of a master, voluntarily imposes a dynamic of exploitation on himself.

Keywords: Neoliberalism. Subjectivity. Self-exploration.

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Serrinha, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: clerisonn@gmail.com

Introdução

Um paraíso habitado por assassinos sem maldade
e vítimas sem ódio. [Günther Anders, 1972].

O neoliberalismo é uma teoria econômico-política que surgiu no final do século XX e que foi desenvolvida por um grupo de pensadores, a saber: economistas, cientistas políticos e filósofos. Em 1947, esse grupo de pensadores se reuniu em Mont Saint Pélerin, na Suíça, com o austríaco Friedrich von Hayek (1899-1992) e com o economista Milton Friedman (1912-2006) para se opor ao surgimento do Estado de Bem-Estar social de base socialdemocrata e keynesiano. Atacando as correntes das décadas de 1950 e 1960, esses pensadores desenvolveram um meticuloso projeto político e econômico com a finalidade de dismantlar o Estado de Bem-Estar Social como regulador das atividades mercadológicas e administrador dos encargos sociais. O grupo sustentava a tese de que o Estado de Bem-Estar Social acabava com a liberdade dos cidadãos e com a competição que eram necessárias como garantia de prosperidade.

As ideias do grupo de pensadores de neoliberais permaneceram adormecidas até o início da crise capitalista do ano de 1970. Aqui, pela primeira vez, o sistema capitalista enfrentou um tipo de situação imprevisível, a saber: altíssimas taxas de inflação e baixíssimo crescimento econômico. Diante da imprevisibilidade da crise, o grupo de pensadores contrários ao Estado de Bem-Estar Social, passou a ser ouvido com mais atenção, já que oferecia uma suposta explicação para o problema da crise (HARVEY, 2005). Para esses pensadores, a crise foi causada pelo poder desmesurado dos sindicatos e pelos movimentos dos operários que, por sua vez, exigiram excessivos aumentos salariais e excessivos aumentos dos gastos dos Estado com as políticas sociais. Diante disso, no entender do deles, o excesso de gastos, com o Estado de Bem-Estar Social, produziu a destruição dos níveis de lucros requeridos pelas empresas, gerando, com isso, incontroláveis processos inflacionários no seio do sistema capitalista (HARVEY, 2005).

Para resolver o problema da crise, o grupo de que se reuniu em Mont Saint Pélerin, ofereceu algumas medidas, a saber: um Estado capaz de enfraquecer o poder dos sindicatos e dos movimentos dos operários para, com isso, poder controlar todo dinheiro público e, quando necessário, realizar cortes nos encargos sociais, nos investimentos e na economia; um Estado que tome como meta principal a estabilidade monetária, controlando os gastos com o social e mantendo a taxa de desemprego necessária para produzir um exército

industrial reserva²; um Estado que realize uma reforma fiscal para atrair os investimentos privados e, além disso, que reduza todos os impostos sobre o capital e sobre as grandes fortunas, ampliando todos os impostos sobre a renda dos mais pobres e, conseqüentemente, sobre o comércio, o consumo e o trabalho; um Estado que deixe o mercado, com sua racionalidade, operar livremente sem nenhum tipo de regulação econômica a fim de reduzir, drasticamente, os investimentos estatais na produção e eliminar qualquer tipo de controle estatal sobre o fluxo financeiro, criando uma legislação antigreve e um intenso processo de privatização das empresas estatais.

O modelo de Estado dos pensadores neoliberais foi, primeiramente, adotado no Chile, depois na Inglaterra e nos Estados Unidos. Posteriormente, esse modelo se expandiu para todo mundo capitalista. Com a queda do muro de Berlim (1989), chegou ao Leste europeu. Na visão do sociólogo Francisco de Oliveira (1988), não foram em si as ideias dos neoliberais que colocaram em curso a agenda neoliberal, mas sim as contradições que envolviam o fundo público que foi criado pelo Estado de Bem-Estar social. Na perspectiva de garantir, de modo simultâneo, o acúmulo e reprodução do capital e da força de trabalho, o Estado de Bem-Estar Social acabou contraindo inúmeras dívidas e, por esse motivo, entrou num processo de déficit fiscal, em outras palavras, numa crise fiscal do Estado. Neste sentido, com a internacionalização oligopólica de produção, o Estado de Bem-Estar Social perdeu toda capacidade de administrar a crise fiscal, uma vez que os oligopólios multinacionais não repassavam os ganhos obtidos, fora das fronteiras, aos seus países de origem. Por conseguinte, o fundo público nacional, que financiava o capital e a força de trabalho, deixou de ser alimentado.

No entender de Francisco Oliveira (1988), esse processo é conhecido como “colapso da modernização” e ponto de partida da adoção da política neoliberal que propõe o encolhimento do Estado. Para o sociólogo, a proposta neoliberal de encolhimento do Estado está ligada ao fundo público na forma de salário indireto, uma vez que o fundo público rompeu o fio que unia o capital à força de trabalho, ou seja, a relação entre o salário direto e o capital. No passado, o amalgama entre fundo público e salário direto contribuía para que a inovação técnica do capital produzisse um aumento real do salário. Todavia, com o rompimento dessa ligação, o impulso à inovação tecnológica tornou-se desmesurado, aumentando, com isso, os investimentos e as forças produtivas. Porém, como o lucro não é suficiente para materializar todas as possibilidades tecnológicas, o capital necessita de uma

² Para Marx, o Estado capitalista necessita produzir, de modo mais ou menos permanente, um grupo de indivíduos desempregados, pobres ou miseráveis. Esse grupo foi chamado de “exército reserva”, em outras palavras, uma parte da população que pode ser utilizada, descartada e desprezada pelo capital. Cf. KARL, Marx. *O capital: crítica da economia política*. Tradução Reginaldo Sant’Anna. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Livro 1, v. 1 e 2. p. 731.

contrapartida da riqueza pública, em outras palavras, do fundo público na condição de financiador dessa materialização. Nesta medida, para que essa materialização ocorra, é necessário que o Estado de Bem-Estar Social desapareça.

A teoria e prática neoliberal podem ser resumidas como expansão do espaço privado dos interesses mercadológicos e redução dos direitos sociais e do espaço público. Aqui, há um retorno à noção de *estado mínimo* do antigo liberalismo. Nesta medida, dentro na lógica neoliberal, a intervenção estatal deve ser mínima na vida das pessoas. É importante ressaltar que essa noção de estado mínimo serve apenas para ser aplicada às políticas sociais, já que o Estado neoliberal realiza intervenções para manter orçamentos militares altíssimos e para amparar grandes empresas e o próprio sistema financeiro. As expressões mais evidentes de atuação *máxima* do Estado neoliberal podem ser encontradas nos governos de Margaret Thatcher, na Inglaterra, e no de Ronald Regan, nos Estados Unidos (HARVEY, 2005).

Todos os setores que beneficiavam, diretamente, os trabalhadores foram atingidos por essa “nova” forma de liberalismo, a saber: assistência social, habitação, transportes, saúde pública, previdência e direitos trabalhistas. Com a implantação do neoliberalismo, houve uma grande expansão das grandes corporações produtivas e financeiras na participação dos atos do Estado. Nesta medida, as questões políticas passaram a ser dominadas pela economia. Ademais, o que era comum a todos (público), passou a ser determinado pelo que era particular (interesses privados). Os principais traços do Estado neoliberal são: o desemprego estrutural, a financeirização da economia, a terceirização do trabalho, a ciência e a tecnologia como forças produtivas, o desaparecimento dos direitos sociais, a transnacionalização da economia e a ampliação da desigualdade social (HARVEY, 2005).

O sujeito empresarial

“No era depresión, era capitalismo”

[Pixação no Chile, feita à ocasião da revolta de 2019]

O Estado neoliberal promove a corrosão de todos os direitos ligados à figura do trabalhador, criando uma espécie de atmosfera de insegurança na vida de todos os assalariados por meio das novas formas de emprego precárias, provisórias e temporárias. A produção de vínculos empregatícios precários, que facilitam a demissão e a contratação dos trabalhadores, aumentam a diminuição do poder de compra da classe trabalhadora, causando o empobrecimento de parcelas significativas das classes populares. Todos esses fatores ajudaram a produzir um considerável aumento do grau de dependência dos

trabalhadores em relação aos empregadores. A diminuição dos direitos trabalhistas e o enfraquecimento das solidariedades coletivas, produziram a naturalização do risco presente no discurso neoliberal e a exposição direta dos assalariados às oscilações do mercado.

Essa atmosfera de *medo social* criou uma sensação de risco que as empresas utilizaram para exigir mais disponibilidade e comprometimento por parte dos trabalhadores. Para Dardot e Laval, mesmo que, no fundo, o capitalismo seja sempre o mesmo, a gestão neoliberal não deixa de ser uma novidade. Vejamos isso, em suas palavras:

[...] a grande novidade reside na modelagem que torna os indivíduos aptos a suportar as novas condições que lhe são impostas, enquanto por seu próprio comportamento contribuem para tornar essas condições cada vez mais duras e mais perenes. Em uma palavra, a novidade consiste em promover uma “reação em cadeia”, produzindo “sujeitos empreendedores” que, por sua vez, reproduzirão, ampliarão e reforçarão as relações de competição entre eles, o que exigirá, segundo a lógica do processo autorrealizador, que eles se adaptem subjetivamente às condições cada vez mais duras que eles mesmos produziram. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 329)

No entender de Dardot e Laval, “o momento neoliberal caracteriza-se por uma homogeneização do discurso do homem em torno da figura da empresa”. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 326). A partir desse discurso surge a figura do “*homem-empresa*” ou do “*sujeito empresarial*”. O sujeito de racionalidade neoliberal se enxerga como uma entidade dentro de um intenso processo de competição. Diante disso, ele precisa lutar, constantemente, para obter bons resultados. Mas, para isso, precisa assumir os riscos e a responsabilidade por eventuais fracassos. É importante ressaltar que “Empresa” é o nome dado ao governo de si na era neoliberal. O neoliberalismo utiliza a mais clássica das violências sociais típicas do capitalismo, a saber: “a tendência de transformar o trabalhador em uma simples mercadoria” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 329). Segundo Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo faz com que os indivíduos enxerguem a sociedade como uma empresa constituída de empresas. No entanto, esse modo neoliberal de enxergar a sociedade, necessita de um novo modelo de subjetividade que, em alguns aspectos, possa se diferenciar do modelo produtivo das sociedades industriais.

No Estado neoliberal, a empresa não se resume apenas a um modelo geral que deve ser imitado, mas também como uma postura – no sentido do desenvolvimento da racionalidade neoliberal do “homem-empresa” – que deve ser valorizada e exaltada na criança e no aluno, uma energia em potencial que deve ser solicitada no assalariado, uma forma de ser que é produzida pelas mudanças institucionais e que, por sua vez, ajuda a produzir melhorias em todos os domínios (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 332). Esse tipo de racionalidade estabelece uma correspondência íntima entre o governo de si e governo das sociedades. Aqui, é a empresa que propõe uma nova ética, isto é, uma disposição interior que

deve ser desenvolvida pelos indivíduos. Esse novo *ethos* deve ser internalizado como um trabalho de constante vigilância sobre si mesmo e que, por sua vez, os processos de avaliação ajudam a reforçar e a verificar. Na perspectiva de Dardot e Laval (2016), o primeiro mandamento da ética do empreendedor é “ajuda-te a ti mesmo” e, nesse sentido, ela é a ética do *self-help* (autoajuda). Segundo os autores, a grande inovação proposta pela tecnologia neoliberal é a de “vincular diretamente a maneira como um homem “é governado” à maneira como ele próprio “se governa”” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.333).

O novo sujeito neoliberal é criado para ser competitivo e ir busca de um bom desempenho. O empreendedor de si mesmo é pensado para ser “bem sucedido” e sempre “ganhar”. Dardot e Laval sustentam que o culto ao esporte se infiltrou dentro de diversas práticas através da lógica da busca por um bom desempenho que, por sua vez altera o seu significado subjetivo. Essa lógica neoliberal, que utiliza a lógica do esporte na busca por um bom desempenho, extrapola o mundo profissional e atinge muitos outros campos. Assim, afirmam Dardot e Laval:

As práticas sexuais, no imenso discurso “psicológico” que hoje analisa, estimula e enche de conselhos de todos os tipos, tornam-se exercícios pelos quais cada um de nós é levado a confrontar-se com a norma do desempenho socialmente exigido: número e tipos de posições, estimulação e conservação da libido em todas as idades tornam-se objeto de pesquisa detalhadas e recomendações precisas (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 353).

Segundo Dardot e Laval, a partir dos anos 1980, o esporte se tornou uma espécie de princípio de ação para todos os lados e a competição um modelo de relação social. Nesta medida, surge a figura do *coaching* como marca e, ao mesmo tempo, a ponte entre esporte, sexualidade e trabalho. Dentro do contexto de racionalidade neoliberal, o esportista é visto como modelo de perfeição do empreendedor de si mesmo. Este, por sua vez, não hesita em se vender para quem oferecer um valor maior de pagamento, ou seja, não existe lealdade e fidelidade. A figura do esportista é a maior referência em termos de cuidado com o corpo, aprimoramento de si mesmo, busca por sensações fortes, fascínio por situações extremas, preferência pelo lazer ativo. Os realitys de TV (*Big Brother Brasil, No limite, A fazenda, etc*) que encontramos em diversas emissoras, ilustram muito bem essa imagem de “luta pela sobrevivência” em que apenas os mais espertos e, com muita frequência, os dissimulados conseguem sobreviver³. Esse tipo de programa reforça o imaginário neoliberal de que o

³ O seriado Round 6 (2021), da plataforma de streaming Netflix, explicita muito bem esse fenômeno neoliberal da gamificação da vida. Na trama, a vida dos indivíduos é transformada num jogo. Os jogadores são os “empreendedores” que, por sua vez, são colocados em uma condição de exploração. Nesta medida, eles precisam competir, entre si, para alcançar as metas. No entanto, aqueles que não conseguem atingir as metas são, automaticamente, descartados. Deste modo, fica clara a mensagem de que não há espaço para “perdedores” dentro do contexto de racionalidade neoliberal. Round 6 é a caricatura do que se vê nos grandes centros urbanos.

desempenho e o gozo são indissociáveis. O seriado *Round 6*, da plataforma de streaming Netflix, explicita muito bem esse fenômeno neoliberal da vida como um jogo.

Dardot e Laval (2016) afirmam que o sujeito neoliberal é diferente do sujeito do capitalismo industrial que, por sua vez, estava dentro do circuito produção/poupança/consumo. O modelo industrial estava ligado ao ascetismo puritano do trabalho que, não sem dificuldade, associava a satisfação do consumo à esperança de poder gozar com bens acumulados. Todavia, diferentemente do sujeito industrial, o sujeito neoliberal não entra na lógica de consumir o necessário dentro de um contexto de utilidade e desutilidade. O sujeito neoliberal é convidado a sempre produzir mais e gozar sempre mais. Aqui, o “mais-de-gozar” se tornou um imperativo sistêmico. Nesta medida, a vida, em todas as suas nuances, torna-se objeto dos dispositivos de desempenho e gozo.

Para filósofo sul-coreano Byung Chul Han (2018), o sujeito neoliberal do desempenho possui uma falsa consciência em relação à própria liberdade. Na realidade, esse sujeito é um servo na medida que, sem a figura do senhor, explora a si mesmo de modo voluntário. O sujeito neoliberal, dentro da lógica do empreendedorismo, não consegue se relacionar livre de qualquer propósito. Pois, na lógica do empreendedorismo, não existe amizade desinteressada, uma vez que as relações são construídas dentro da dinâmica da competição. Na visão de Han, o neoliberalismo é um sistema extremamente eficiente no que concerne à exploração da liberdade, em outras palavras, todas as práticas e formas de expressão da liberdade são exploradas por ele, como por exemplo: emoção, jogo e a comunicação. Neste sentido, para o neoliberalismo, é muito mais eficiente explorar a partir de sua própria liberdade (porque é muito mais lucrativo) do que contra a própria vontade do sujeito (HAN, 2018, p. 11).

Byung Chul Han entende o neoliberalismo como uma poderosa mutação do capitalismo. Para ele, não é a revolução comunista que acaba com a exploração alheia, mas sim o neoliberalismo. Vejamos isso, em suas palavras:

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um empreendedor. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa (HAN, 2018, p. 15).

Dentro do contexto neoliberal, não podemos falar mais de uma classe proletária ou de uma classe trabalhadora que, por sua vez, seria explorada através dos meios de produção. Aqui, não existe mais a distinção entre classe proletária e classe burguesa. O neoliberalismo sustenta a ilusão de que qualquer indivíduo é capaz de uma dinâmica de autoprodução ilimitada. “A ditadura do proletariado é, nos dias que correm, estruturalmente impossível. Somos todos dominados por uma ditadura do capital” (HAN, 2018, p. 15). Nesta medida, o

neoliberalismo converte a exploração, que é produzida por outros, em uma exploração generalizada que, de modo imediato, atinge todas as classes.

Byung Chul Han (2018) evidencia que o isolamento do sujeito do desempenho, explorador de si mesmo, enfraquece o senso de coletividade, ou seja, ocorre uma atomização desse sujeito que o impossibilita de agir dentro de uma ótica do *Nós político*. Assim como Dadort e Laval (2016), Byung Chul Han afirma que o sujeito do desempenho não questiona a sociedade ou o sistema em nenhum momento. Neste sentido, ele se considera como responsável por todo fracasso que possa enfrentar em relação ao governo de si mesmo. A inteligência do sistema neoliberal reside na própria não resistência ao sistema. Neste sentido, o sujeito do desempenho colocará sempre a culpa em si mesmo, mas nunca no sistema (2018, p. 16). Toda violência do sistema é dirigida ao sujeito explorador de si mesmo. Assim, explicita Han:

No regime de exploração imposta por outros, ao contrário, é possível que os explorados se solidarizem e juntos se ergam contra o explorador. Essa lógica que fundamenta a ideia marxista da ditadura do proletariado, que pressupõe, porém, relações repressivas de dominação. Já no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos (HAN, 2018, p. 16).

O neoliberalismo não se resume apenas à uma teoria econômica que ajudou a favorecer a financeirização das empresas e o surgimento do capitalismo imaterial, em que o valor das marcas supera a importância da produção. Além disso, não podemos considerá-lo apenas como reflexo de valorização do consumo, como um padrão no que concerne à formação de identidade e lugar para definição negocial. O neoliberalismo nos apresenta uma nova modalidade que determina como devemos sofrer. A síndrome depressiva é a sua mola propulsora preferencial. Aqui, o sofrimento não pode mais ser considerado como um obstáculo no que tange ao desenvolvimento da indústria. O neoliberalismo utiliza o sofrimento para aumentar o desempenho a partir da construção de uma nova subjetividade em que o indivíduo internaliza um governo de si a partir da imagem da empresa. Neste sentido, utilizando a lógica de maximização do desempenho e gozo, o neoliberalismo liga-se às políticas de sofrimento, individualização, intensificação e instrumentalização.

No modelo de Estado neoliberal, os indivíduos são culpabilizados pelas inúmeras situações de crise que afetam a sociedade, a saber: miséria, recessões econômicas, etc. A perda, a derrota, o fracasso e o insucesso são considerados como falta de capacidade do indivíduo no processo de administração das adversidades. O neoliberalismo incute, nos indivíduos, uma espécie de imperativo da onipotência. No entanto, quando este indivíduo falha, toda culpa recai sobre ele. É importante que ressaltar que, o sofrimento causado pela lógica neoliberal, não se resume apenas às condições reais de vida, mas também a uma espécie de sofrimento que está ligado, de modo simultâneo, à destruição das instituições

sociais e ao desaparecimento do lugar subjetivo do sujeito dentro da estrutura social. De acordo com Dardot e Laval (2016), o sujeito neoliberal possui duas faces, a saber: a face triunfante do sucesso sem pudor e face do fracasso diante das situações incontroláveis e das técnicas de normalização. Deste modo, o sujeito neoliberal oscila entre depressão e perversão. Com isso, ele é condenado, ao mesmo tempo, a ser um mestre em desempenhos admiráveis e um objeto descartável.

Por atribuir um excesso de responsabilidade ao indivíduo, o neoliberalismo acaba se refletindo dentro da esfera psíquica. Neste sentido, surge a *patogênese da cultura neoliberal* que está associada a diversos fenômenos presentes no neoliberalismo, a saber: “solidão, a dissolução entre vida doméstica e trabalho, e o avanço da lógica da competição, superação e produtividade dentro das esferas da vida” (SAFATLE et al., 2021, p. 129). Estes fenômenos estão intimamente ligados ao aparecimento de novas formas de sofrimento psíquico. Existem diversos estudos que relacionam transtornos psiquiátricos às dinâmicas relacionadas à vida pública e à gestão do Estado. Deste modo, emprego, saneamento básico, moradia, jornada de trabalho e acesso à saúde, seriam fundamentais para promoção da saúde mental (SAFATLE et al., 2021).

O fim do *Welfare State* e o recrudescimento de suas políticas públicas, que ofereciam aos cidadãos meios mínimos de sobrevivência, contribuem para causar o adoecimento psíquico dos indivíduos. Neste sentido, podemos dizer que o aumento dos transtornos mentais está diretamente ligado à ausência do Estado no que concerne à ausência de oferta de políticas públicas de bem-estar social. Na opinião de Han, a depressão é um dos sintomas mais comuns da sociedade do cansaço. Geralmente, a síndrome do desgaste profissional (*síndrome de burnout*) aparece quando o sujeito é obrigado a manter sempre um bom desempenho. A partir do momento em que o sujeito percebe que já não consegue mais manter o ritmo frenético, na busca do bom desempenho, ele termina fracassando pelas próprias exigências que impôs a si mesmo. Diante disso, de um modo destrutivo, o sujeito passa a se autoreprender e a se autoagredir. Nesta medida, o sujeito trava uma luta contra si mesmo e acaba sucumbindo por isso. Na guerra estabelecida contra si mesmo, a vitória é do desgaste laboral. Para filósofo sul-coreano, passamos do “dever fazer” para “poder-fazer”, em outras palavras, vivemos dentro uma atmosfera de angústia por não estarmos fazendo tudo que poderia ser feito. Assim, temos o sujeito empresarial que, de modo cruel, internaliza a dinâmica neoliberal de que é “possível” trabalhar, estudar, dar conta dos afazeres domésticos, praticar atividade física, comer de forma saudável, ser mentalmente equilibrado, ter vida social e ter vida afetiva. Aqui, tudo é uma questão de “querer”.

Dentro do contexto de Estado neoliberal, não existe um alvo específico para direcionarmos uma possível revolução, já que a repressão não vem mais dos outros. Han (2015) sustenta que o sujeito neoliberal vive a *alienação de si mesmo* e que, no físico, ela é

traduzida na forma de anorexias, em compulsão alimentar ou em no consumo em demasia de produtos ou entretenimento.

Conclusão

“[...] a massa da população nunca transferirá livremente para um rei senão o que lhe é absolutamente impossível guardar em seu poder” [Espinosa].

Com a destruição do Estado de Bem-Estar Social e suas políticas públicas, o neoliberalismo produziu uma nova subjetividade capaz de fazer com que os indivíduos perdessem quase que, em totalidade, o senso de coletividade. Neste sentido, surge a figura atomizada do sujeito neoliberal. Desta forma, não existe mais um inimigo, objetivamente, a ser combatido como no contexto de capitalismo industrial que apresentava, deforma cristalina, uma luta de classes muito bem definida. Agora, temos uma sociedade do capitalismo financeiro neoliberal que, por sua vez, não nos apresenta, de forma clara, o nosso real inimigo. Neste sentido, quando não sabemos “quem” e “o quê” combater, fica muito mais difícil vencer a batalha. Com isso, é necessário criar estratégias, dentro das comunidades, das escolas e das universidades, para combater a alienação e a autoexploração de si mesmo através da construção de redes de proteção social.

Acredito que, em tempos de racionalidade neoliberal, precisamos falar mais sobre neoliberalismo e fortalecer o resgate do senso de coletividade que desapareceu por causa do declínio do Estado de Bem-Estar Social. Talvez, a tarefa mais difícil, em dias atuais, seja a de reconstruir uma subjetividade capaz de refundar uma noção clara do papel e da importância da coletividade, como produtora de bem-estar social, e, além disso, como resposta às políticas de morte (*necropolítica*) do Estado neoliberal. Neste sentido, é necessário eliminar, primeiramente, a sensação de *medo social* que, por sua vez, é disseminada pelo Estado neoliberal na vida das classes populares para que, assim, sejam organizadas novas frentes de resistência ao avanço, sem precedentes, do capitalismo financeiro neoliberal. A universidade, juntamente com seus intelectuais, precisa se apropriar, de forma mais ativa, das redes sociais e das plataformas digitais no sentido de propagar as discussões que, infelizmente, ficam restritas ao âmbito acadêmico e, também, na perspectiva de ajudar a combater a racionalidade neoliberal que propaga, intensamente, a lógica cruel do empreendedorismo, da autoexploração de si mesmo e da atomização dos indivíduos dentro uma perspectiva global. Por fim, a universidade, como um núcleo duro de resistência, precisa mitigar os efeitos do neoliberalismo que, de forma sutil, tenta transformar a instituição acadêmica numa empresa, atingindo o seu tripé basilar, a saber: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Referências

- BROWN, Wendy. **As ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Politeia, 2020.
- DARDOT, Pierre; Laval, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ESPINOSA, Bento. **Tratado político**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- FOUCAULT, Michael. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: História e implicações**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder**. Belo Horizonte: Âyinê, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Livro 1, v. 1 e 2.
- OLIVEIRA, Francismo. **O surgimento do anti-valor. Capital, força de trabalho e fundo público**. Coleção Zero à Esquerda, Petrópolis: Vozes, 1988.
- SAFATLE, Vladimir et al.; **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2021.